



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVIII — N.º 448 — Preço 1\$00
13 DE MAIO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

A FESTA

Foi o que sabíamos, o que sempre tem sido. O espectáculo, para nós, é aquela sala cheia, excedida — excedida em lotação e em afecto — bafejando-nos com o seu entusiasmo. Falar de multidão, de massa humana, além de impreciso, seria profano. Aquelas quase quatro mil pessoas, sentadas nos seus lugares, ou sem lugar, de pé numa coxia, formam comunidade fraterna.

Este ano, liberto dos cuidados da direcção do espectáculo, andei muito cá por fora. Pude apreciar, como o não tinha feito em anos anteriores, o sentir unânime daquelas almas. Em certo momento da representação da peça que preencheu a primeira parte, um «batatita» aparece por entre os rompimentos a espreitar. Tão à-vontade, tão espontâneo!... Em outra festa seria um acidente a deslustrar. Na nossa Festa é uma nota de ternura a enriquecê-la.

Mais adiante, dois pequenitos da representação de Miranda desafinam seu pedaço... Pois se não foi a maior, foi das maiores ovações da noite, a premiar um esforço mal sucedido. Só o amor nos faz achar beleza e simpatia por mais desajeitado que seja quem amamos. Tal ovação foi bem a nota do amor tornado fácil — não sei porquê, ali — àquele público de milhares.

E que dizer das cenas atrás dos bastidores? É outro espectáculo não menos apaixonante!

Os pequeninos tão cheios da sua responsabilidade! O cuidado do Américo por eles, que os não queria fracos nem empanturrados e foi por bolachas que os compusessem depois do jantar mais cedo que o costume.

E o carinho dos mais velhos!... Ainda ontem no palco do Avenida, o Machado, do Lar de Coimbra, quase em vésperas de casamento e tão feliz brincando com os «batatitas»!

Porquê tão fácil, ali, quatro mil almas serem unânimes no amor fraterno? Porquê aquele bem-estar no permanecer ali, de tantos que nesta noite não têm sono nem pressa do seu descanso? Eu estava tão feliz... e angustiado! Queria saber rematar com a palavra adequada que ajudasse todos a entrar na pista da explicação do mistério — e sentia não ser capaz! E no entanto, um só nome é a chave: Jesus! Ele nos pequenos e nos maiores e nas «belenitas». Ele crucificado nos doentes do Calvário que desfilarão. Ele revelado nos casos que Padre Baptista contou — alguns de tantos que não podem aparecer. Só o nome de Jesus explica aquele bem-estar, aquele gosto unânime de um grupo tão numeroso de pessoas, porque só Ele é o Fundamento verdadeiro desta Obra, objecto imediato do amor que gera aquele bem-estar, aquele gosto!

Que bom se aquele nosso público vivesse o ano inteiro no clima da nossa Festa!

x x x

Isto que dizemos do Porto e de Coimbra, esperamos que Padre José Maria e Padre Acílio não-de poder repeti-lo de Lisboa e de Setúbal!

Mais dois partiram há dias: O «Nelas», que foi da Casa de Miranda, para o Caminho de Ferro de Benguela; o José Teixeira mais a mulher, para a Sofil em Lourenço Marques.

Entretanto, outros dos nossos que estão cumprindo o serviço militar preparam-se para partir também. Para já, vai o «Pataco» para Timor e o Fernando Dias para a Índia. Daqui regressou há pouco o Caetano. E ainda lá está o «Gaia». Em Macau é o João «Espanhol». Na Guiné o José Maria «Mangas». Em Angola

Africa

o «Camões». Como o Natalino, que é marinho, tem feito largas estações em Cabo Verde, segue-se que só em S. Tomé e em Moçambique não temos agora ocupação de Gaia-tos.

Quem dera que esta ocupação pudesse dedicar-se ao

trabalho pacífico, inteiramente descuidada das armas... Infelizmente, o turbilhão de loucura que rodopia pelo mundo, obriga-nos a consumir energias tão úteis a todos os homens, se gastas no aproveitamento das riquezas potenciais que Deus nos deu!

Eu estava em Angola quando foi o abandono belga do seu Congo. Os últimos dias antes daquele marcado para o que se chamou da independência, não anunciavam outra coisa do que o caos que ia ser e está sendo. Era voz corrente — e parece que com fundamento bom senso! — que as tensões internacionais pró-autonomia dos Estados africanos afrouxariam diante daquele fracasso tão espectacular. Parecia lógico que assim fôsse!... Porém, não é a lógica que governa o mundo; e os interesses de ocasião, variáveis como o vento, determinam as reacções mais imprevisíveis. O tempo não é de deduções racionais. Estamos na era dos prognósticos. E os prognósticos do bom-senso falharam.

Pois, mais dois nossos partiram em tarefa de paz. Outros ficaram esperando a sua oportunidade.

Não é inconscientes da gravidade do momento que os mandamos. Tampouco indiferentes aos sofrimentos que possam vir a passar.

Mandamo-los com a convicção de que eles são lá tão precisos como os soldados enviados para a defesa da nossa terra e do nosso Povo; com aquela certeza humilde de que somos outros para os nativos, como nunca branco de qualquer nacionalidade soube, ou está sabendo ser. É também por amor dos negros que ficamos contentes vendo partir estes obreiros de paz.

É bem preciso que eles levem esta consciência de missão, dispostos a compreender, a dar a mão, a amar, certos de que só servindo se servirão autenticamente e servirão de verdade o direito de Portugal.

Por sobre todos os riscos que eles vão correr é este que mais temo: que lhes falte a luz da Verdade e a força do Amor proporcionais à grandeza do turbilhão de loucura que rodopia sobre o mundo.



Manhã de chuva, depois de uma noite de tempestade. Momentos antes, saíramos quentes, de uma noite de vigília, em que, como nos primeiros tempos do cristianismo, nos foi dado presenciar a descida do Espírito Santo, sobre as almas daquele punhado de homens e rapazes. Vinhamos a ferver, embora a manhã fosse de frio.

Mais do que nunca, sentíamos a Presença de Cristo em nós e em tudo que nos rodeava.

Começámos, como de costume, pela Capela de Fradelos à roda do Altar; nós e a pequena comunidade do Lar. O assunto daquele dia foi o sacrifício, a renúncia, como alicerce de todo o trabalho de perfeição humana. «Sem sangue não pode haver Redenção». Sem sangue não pode o homem redimir-se. Esta verdade é tão contrária ao espírito do mundo! A maior parte dos homens não acredita no valor do sacrifício, do sangue. E é pelo sangue que os homens se salvam.

Assim aquecidos fomos ao Barredo. Fernando Dias ia despedir-se dos seus Pobres, pois vai prestar serviço militar no nosso Estado da Índia. Não quis partir sem fazer esta despedida. Os Pobres do Barredo faziam parte da sua vida. Em todos eles estava presente. Não tive a alegria de assistir à partida do nosso Fernando Dias, na estação de S. Bento. Mas os seus melhores amigos — os Pobres do Barredo — ali estavam para chorar o Amigo que parte e dizer-lhe o seu adeus. Como o Fernando se sentiu feliz naquela hora! Em cada um deixou a saudade e em cada

canto do Barredo as paredes velhas não-de ouvir murmurar uma súplica para que Deus lhe dê boa viagem e que não seja muito demorada a sua ausência. «Feliz o que cuida do Pobre porque na hora de aflição o Senhor o libertará».

Fernando foi-se, mas os Pobres ficaram. Algum devia tomar o cuidado deles. Alberto e Teixeira são, doravante, os dois cireneus dos Pobres do Barredo. Por este motivo quiseram ir conosco nesta visita.

Fomos à R. das Flores. A viúva e os filhos não estavam. Dali à R. da Reboleira é um pulo. É domingo; dia de caras lavadas, roupa limpa; dia do Senhor, e mesa mais farta; dia da família. Ali não. Estes Pobres não conhecem a diferença.

Aqui e ali deixámos sair uma pergunta muito discreta: — Já assistiu à Missa? — Encolheu os ombros, como que envergonhados e acenam com a cabeça que não. E os filhos? — Pobres filhos que crescem longe da Igreja que os viu entrar no seu seio, no dia do Baptismo e que nunca mais pensam nela. Ali, num quarto pequeno, dorme o pai sem dar pela nossa presença. A mãe, rodeada pelos cinco filhos, é apanhada de surpresa. Não tem que lhes vestir. O domingo não lhes faz nada. Mais uma semana de roupa suja em corpos sujos. Apesar de tudo compreendemo-nos e sofremos por viver assim.

Continua na quarta página

VISADO
PELA CENSURA

CARTAS

«Recebeu V. Rev.ª uma caixa (de giz) com muitos tostões que demos todas para «O Gaiato»?»

Daqui a algum tempo mandamos mais.

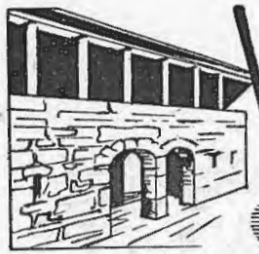
Gostariamos de poder fazer, de mãos dadas e «alma ajoelhada», uma sebe como que para proteger a Obra da Rua, para que nada nunca a atingisse. Mas estamos tão longe!

E sem podermos ir até Paço de Sousa! Rezamos muito.

Respeitosamente,
Alunas e Professoras da Escola Feminina de Póvoa de S. Miguel».

«Tenho 95 anos e como o Pai Américo não faço contas. Mandando 100\$00 para o Gaiato até que Deus me chame.

No entanto mandarei o que puder e me sobrar de outras boas obras que acilho. Humilde criado do Senhor, Assinante 28.481».



VARANDA de Beira

O Sediolo anda na tropa. É a hora de servir a Pátria. Por isso, ele está alegre no seu posto. No entanto, não deixa a pobre que visitava antes de partir. Quando vem em fins de semana, comparece na casita da Ti Valentina. Esta vê-se em embargos com as dificuldades da vida. Uma das maiores é a renda anual. Sediolo pressente-o, e não descansa. No quartel ganha alguma coisa. Faz economias, e de tal ordem, que com elas adquire um suíno. E a pobre, com o animal em engorda, arranja o suficiente para a renda. Vejam de quanto o mundo é capaz quando quer. É só questão de jeito. E se este fosse proporcional às possibilidades de cada um, que resultados não adviriam para os mais atribulados!

O Zézito anda com cinco anos muito matreiros. A Páscoa deixou-lhe a paixão das amêndoas. Não há dia que as não prove, muitas vezes pela habilidade em as pedir. E se sabe pedi-las!

Ontem, fui-me deitar mais cedo. Já na cama, abre-se a porta e entra o Zé pelo quarto dentro. Vem com duas amêndoas na amostra de mão que possui.

—Tome. Uma é para você e outra para mim. Fui pedi-las à senhora para o Senhor Padre. Vejam a habilidade. À minha custa vai ele regalando-se com amêndoas. E com um beijo de despedida lá se foi chupando as amêndoas.

Há tempos um rapaz dos nossos vem ter comigo para me informar da refeição de certo operário.

—Olhe que F. costuma trazer só o caldo mais um naco de boroa para almoçar!»

Apreciei esta observação dum ex-pé-descalço. Apesar de pequeno, nota já como passam dificuldades seus irmãos Pobres. Gosto muito que os rapazes carreguem até aqui com as amarguras dos Pobres que visitam. Noutro dia, outro rapaz vicentino traz ofegante inquietação e despeja-a logo que chega:

—«Senhor Padre, a minha pobre passa mal. O que lhe damos não chega».

E na ânsia de resolver a situação continua:

—«Ela passa mal. Precisa de carne, que está fraca, mas diz que não tem com que comprar ossos prá sopa, quanto mais carne!»

Isto não carece de comentário. É assunto forte de meditação. Primeiramente, o debruçar deste pequeno samaritano sobre as necessidades alheias. Depois, a distância formidável a que vivem os homens uns dos outros no século em que não há distâncias. Há quem nem sequer disponha de recursos para adquirir «ossos prá sopa»! Isto em paralelo com

o que nós sabemos, não só de esbanjamento, mas até de preferência de interesses!

O direito à propriedade, ao quinhão particular, está tão arreigado no homem, que estes pequenos já gostam de possuir o seu quintal, que surribam, semeiam, e nele colhem o que regam em horas de ócio. A todo o momento dão um salto ao que é deles para espreitar os feijões que rebentam, para esgadanhar a terra e verificar se as batatas já estão em ordem de ir prá panela. Que felizes eles não são no que é seu! Só há uma dificuldade: é o adubo. Eles vão aos sacos e deitam-no nos quintais, e nós vamos por ele e damos com os sacos mais leves. Mas tu também havias de deixar bulir no adubo, só para experimentar a alegria de os ver felizes.

Padre Baptista

1.º Estandarte — Casas por inteiro.

Lêde esta carta..., e dai graças:

DEUS, a quem devemos quanto somos, permitiu na Sua infinita bondade de Pai, amantíssimo, que contribua com mais uma pedra para o «Rosário de Casas» que o Património vem espalhando pelo nosso Portugal a bem dos Pobres.

Bendita Obra essa que nos legou Pai Américo. Dela beneficiam os Pobres e com ela nós, verdadeiros pobres de espírito...

Agradecendo a DEUS tão grande graça, ousou pedir-vos, Padre, que me lembreis em vossas orações, para que CRISTO purifique o meu coração e nele possa viver em permanência.

Beija-lhe as suas mãos caridosas, humildemente este seu irmão em CRISTO».

Eu não sei quem é este irmão em Cristo. Também não sei quantas vezes já dei com as suas cartas anónimas, anónimamente entregues à porta do Lar do Porto. Deus sabe!

Mais outra casa «Duma Anónima», no Espelho da Moda. E outra, entregue depois do peditório nos Congregados: «Casa do Menino Jesus». Para esta vieram 20 contos, preço mais aproxima-

AGORA

do do custo real de uma casa.

Graças a Deus, entre os que podem, começam a aparecer mais frequentemente, os que se preocupam em dar quanto é necessário para a totalidade da construção.

Que o Senhor dê saúde a esta «Admiradora da Obra do Pai Américo».

2.º estandarte — Casas em que vários colaboram.

«Casa do meu aniversário» 150\$; «Casa de Santa Maria» 200\$; Mais uma Professora de Cinfães com 20\$ todos os meses para uma casa com o nome de N. Senhora. 21\$20 para a «Casa de N.ª S.ª de Lurdes» e 50\$ para a da «Rainha das Virgens». Fique esta senhora descansada que tudo cá tem vindo dar. Finalmente uma conhecida assinante de Olho Marinho com os seus 20\$ para a «Casa dos Professores Primários».

3.º estandarte — Presença dos trabalhadores.

Dois grupos incansáveis: o Pessoal do Grémio da Panificação com 187\$50 duas vezes, por Março e Abril; o Pessoal da H. I. C. A. com 1922\$90 e 1936\$00 relativos aos mesmos meses, mais 3295\$ certamente de Fevereiro.

4.º estandarte — Os de todos os meses.

São Mariazinha e Artur; é M. G. C.; é a Maria do «Pequeno Louvre»; o do tabaco a menos durante o mês findo; e A. J. F.; e o Porto pedindo uma Avé Maria pela conversão de um chefe de família; e o Marco António com 100\$; por duas vezes e o Senhor do Pão», de Lisboa, com 50\$ por mês; e Escalos de Baixo com «mais uma anualidade de mil»; e a Alda com os «70\$ do costume e o desejo de muitas felicidades»; e um anónimo que um mês manda pró Património, outro pró Calvário, outro pró Casa do Gaiato... e torna a tornar; e a assinante 4343: «Venho atrasada, mas não falto»; e o E. D. M. mais este pedido:

«Aqui estou a enviar a minha «contribuição», referente a este mês. Mas desta vez quero retribuição, que consiste nisto: Missas e orações pela Paz em Angola. Parece que a história tem fome de epopeias de heroísmo e amor pátrio, tendo de novo escolhido os portugueses para que escrevam de novo, ou melhor, revivam esses grandes momentos da humanidade. E se a história assim o quer assim será feito, com a ajuda de Deus».

5.º estandarte — Os eventuais.

Newark com 2 dólares «que disporá como melhor lhe parecer». 100\$00 para uma telha do Colégio Andrade Corvo, de Torres Novas. Lisboa com 150\$00 para a «Casa do Manuel Tomé», que Deus levou. «Mais 100\$ para a mulher da mesma terra que tem nove filhos». Outros 150\$ com o mesmo fim, de Cruz da Beira. E. R. — Lisboa com 50\$. Outra vez Lisboa, «Uma assinante»

com 1.000\$ e «desejo conservar rigoroso anonimato». Ainda Lisboa, um Engenheiro Civil (U. P.). E Cascais com 20\$. E Abrantes com 600\$. E Montalegre com 500\$. O mesmo para «cumprimento parcial duma promessa». Volta Lisboa com um cheque de 2.000\$: 1.500\$ pró Património, 500\$ para a Conferência Vicentina dos Rapazes, «pois gostaria de lhes proporcionar a Santa Alegria de poderem socorrer o próximo nas suas necessidades».

Subimos agora ao Sanatório da Senhora da Saúde, no Carmulo e trazemos 5.200\$. E logo a seguir vem o Porto com esc. 3.287\$ «da Casa João Huet de Bacellar, respeitantes a dádivas efectuadas pelos nossos colaboradores, conforme pedido feito por intermédio de um painel que está colocado na nossa fábrica».

E como a procissão vai muito longa e este desfile já a não comporta inteira, fica para o próximo jornal o grupo mais numeroso, que constitui o

6.º estandarte — Casas a prestações.

Património dos Pobres

Em continuação dos números anteriores, aí vai a última série de placas com sua localização:

Santa Rita — Evora; Santa Rita Gulpilhares; Sta Terezinha — Ribeirão (Famalição); Sta Zita — Adémia Coimbra; SS. Trindade — Ribeirão (Famalição); Santo Anselmo — Beringel; Santo António — Portel; Santo António — Mafamude; Santo António — Provesende; Santo António — Penafiel; Santo António — Cete; Santo António — S. João da Madeira; Santo António — Carvalhido (Porto); Santo António — Miragaia (Porto); Santo António — Gulpilhares; Santo Onofre — Gulpilhares; Sarraulho — Portelo de Cambres; Saudade — Paredes; Saudade — Nossa Senhora do Patrocínio — Aldeia Nova de S. Bento; Seja o que Deus quiser — Cascais; Senhora do Ó — Gulpilhares; Senhor dos Perdões — Gulpilhares; Sete Irmãos de Fátima — Mira d' Aire; Sindicato dos Profissionais de Seguros — Carvalhido (Porto); Sociedade de Farinhas Macoma, Lda. — Arouca; Suzana e José — «Que Deus lhes perdoe» — Meda; Teatro Circo — Braga; Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra — Braga; Teatro de Sá da Bandeira — Lirração e Eja; Três Marias — Esposende; Três Marias — Parede; Tribunal da Beira — Rans (Penafiel); Um Descrente — Aviz; Um Famalisense — Outeiro (Galegos); Uma anónima — Vale de Ferreiros (Rio Tinto); Uma Graça do Coração de Jesus — Amarante, Calvário (Beira), Alfeizeirão, Covilhã, Vale de Ferreiros (Rio Tinto); Uma Mãe Aflita — Bombaral; Uma Viuva — Alvito; União de Grémio dos Lojistas do Porto — Aguas Santas; Viação Auto-Motora — Braga; Vicentinas — Carvalhido (Porto); Vinho do Porto (Exportadores) — Madalena; Vinho do Porto (Operários) — Ponte da Barca; Vivenda Maria — Murto; Viver, deixar viver, ajudar a viver — S. Martinho do Campo (Valongo); Xai Xai — Cabeça Santa (S. Miguel de Paredes), Outeiro

TRIBUNA de Coimbra

Ele viera passar o fim de semana a casa. Havia partido de manhã para o quartel e à tarde entra no escritório onde eu trabalhava: agora também chegou a minha vez. Olhos cheios de alegria e lágrimas e a voz embargada.

Senti a dor de todos os pais que vêm os filhos partir, mas fiquei contente porque aquele meu filho vai servir a Mãe Pátria que está a ser tão ultrajada e vai defender os irmãos que estão a sofrer injustamente.

O abraço da despedida custou muito. Não fomos capazes de dizer nada um ao outro.

Partiu e eu fiquei em silêncio a olhá-lo até o perder de vista.

Passados momentos vieram entregar-me uma carta que havia deixado para ser lida a todos. Ei-la:

«Como não tive tempo de me despedir de cada um de vós aqui vos deixo por escrito a minha despedida. Vou para Angola, para longe de todos os amigos e conhecidos. Mas vou contente porque vou defender a nossa querida Pátria. A minha despedida de vós todos, de cada um de vós, é um pedido: peço-vos que rezeis por mim para eu saber ser forte e dar testemunho da nossa Obra lá muito longe de vós.

Deixo um abraço a cada um, um abraço que vos digo com sinceridade que vos leva a todos no coração. Deixai-me ficar também para sempre no peito muito pertinho do vosso coração, sobretudo nas horas em que ele falar com Deus.

Adeus rapazes, irmãos queridos de tantos anos. Abraçai-vos com sinceridade o vosso Alberto José — «O Porto».

Uma carta cheia de verdadeira grandeza. Este jovem militar, embora rude, que não se atreveu a fazer a instrução primária, proclama e prega aqui as três grandes virtudes que devem ornar todo o bom português: amor a Deus, a Pátria e à Família. Peço-vos irmãos queridos de tantos anos que rezeis por mim, para saber ser forte, e dar testemunho da nossa Obra, (...) sobretudo nas horas de falar com Deus.

Quem seria capaz de dizer tão bem?

Fico de joelhos a dar graças a Deus e grito com toda a minha alma: ditosa Pátria que tais filhos tem.

Padre Horácio

Campanha de assinaturas

PORTO/LISBOA: O assinante 9330, tripeiro de gema, realizou caminhada entusiástica. Ele é viajante e o *Famoso* faz parte integrante do seu mostuário. Um caso único! Tenho na minha frente os últimos quatro postais que mandou, de algumas localidades (visitadas: Guimarães, Riba de Ave e Porto — com 5 assinantes. São postais que fervem e fazem animar. Por isso, nada como dar-lhe a palavra. Ora presteim atenção:

Prezados Amigos.

Mais uma vez presente o 9330, que para terminar a sua viagem tem o prazer de indicar mais um assinante para o Famoso Jornal do Gaiato.

Reparem que digo que terminou a viagem, mas outras se seguirão para outras paragens, e o melhor Jornal do Mundo, o único que fala verdade, segue sempre na minha coleção como cartaz de primeiro plano».

Aqui está uma amostra do fogo ardente que lava na alma deste Amigo, cujo exemplo, estou certo, vai dar aos leitores força de vontade e coragem para que «O Gaiato» se divulgue e propague mais e mais.

Entretanto, temos ainda aqui outro postal, de *Uma Mãe* da Invicta, que deve ser transcrito. Ora leiam:

«Queridos Gaiatos.

Mais uma assinatura a juntar a duas que já enviei há tempos. Tenho a certeza que rejubilo tanto com vocês com as que consigo arranjar. Não desanimo com recusas e lamúrias de muitos. Tantas vezes a rede é deitada ao mar que... algum peixe acaba por se pescar».

Muito bem! Desanimar — nunca!

O Porto segue, hoje, mui recheado. Mas Lisboa não lhe fica atrás. Marca uma presença inconfundível, de mãos cheias e a transbordar. Sr. Padre José Maria contentíssimo!... Só uma lista traz 6 novos assinantes. E muitas delas com 1, 2 e 3 deles. Como vêem, o despique permanece e eu acho que os 4.000 espectadores da nossa festa no Coliseu do Porto que ouviram e aplaudiram demoradamente a linda canção dedicada ao *Famoso* pela malta de Setúbal, não de ter feito o propósito de lançar as redes por gente fresca. Creio que sim. De contrário, senhores tripeiros, depois da Festa no Império, Lisboa vem aí que nem um vulcão. Não acha Senhor Padre José Maria?

ro (Galegos), Parada de Todeia e Cadeade (Paço e Sousa); Wiet — S. Gonçalo (Amarante); Zana — ELVAS; Carlota — Figueira da Foz; Infante D. Henrique (Beira — Manica e Sofala) — Porto do Moniz — Madeira.

DO MINHO AO ALGARVE: O Avelino não tem mãos a medir! Que as cidades, vilas e aldeias deste cantinho à beira mar plantado resolveram que Porto e Lisboa — os dois maiores aglomerados populacionais — não lhes hão-de passar as palhetas. E daí, o movimento está no mesmo pé: não vem dia ao mundo sem gente fresca da província. Ele Barcarena, Singeverga, Oliveira de Azemeis, Avintes, Maia, Vinhais, Vila do Conde, Braga, Negrelos, Vila Verde, Freixianda, Olival, Couço, Coruche, Fátima, Souzelo (Castelo de Paiva), S. João da Madeira e Alhos Vedros que pede directamente, «pois gostaria de conhecer «O Gaiato», o que muito vos agradeço». Mais Arouca, pela mão de um sacerdote amigo que afirma: «Desejava que a assinante recebesse já o jornal de Abril, pelo qual tem muito interesse». Assim, sim! Destes é que a gente gosta — porque são leitores. Destes é que a gente quer e nunca é demais reafirmá-lo.

ULTRAMAR: Angola, mesmo sofrendo dolorosamente o vento agreste da *anti-lei*, continua a marcar presença dando um exemplo firme que há-de calar fundo no coração de todos.

Temos, em nossas mãos peccadoras, uma carta de Padre Maia, de Vila Luso — testa de ponte beneditina — dirigida ao Senhor Padre Carlos. Ela aí vai:

«Deve estar admirado de não ter dado acordo de mim, depois de tanto entusiasmo com a sua vinda ao Luso e depois de lhe ter prometido uma propaganda «endiabrada» para o «Famoso». Para este aparente desleixo, apresento duas razões: a primeira pela preocupação de querer juntar o maior número de assinantes; a segunda pelos muitos afazeres que nem sempre permitem fazer o que quero, e que, por vezes, me obrigam a fazer o que não quero, como qual-quer mortal».

É impossível omitir recordações inesquecíveis do extraordinário carinho que recebemos da gente de Vila Luso. São horas que ficam gravadas para sempre em nosso coração!

O Senhor Padre Maia envia mais 39 assinantes e diz que «para hoje é o que pôde conseguir. Sempre que apareçam mais serão remetidos». E viva o Luso!

Mas Angola não fica só por aqui. Tem mais uma presença. É de Cubal. Viva Angola!

Na outra costa, em Moçambique, Lourenço Marques adormeceu, mas a Beira acorda e manda uma lista de se lhe tirar o chapéu! Já estou mais contente com a Beira. Entretanto, pedem-nos de lá que aproveitemos o ensejo de informar, uma vez



Aqui Paço de Sousa!
É verdade amigos leitores, não há engano! Estamos em Paço de Sousa!

A convite do Senhor Padre Carlos, as belenitas foram cantar algumas das suas modinhas ao Coliseu.

Apesar de ser a primeira vez que se viram em tais andanças, portaram-se bem e agradaram.

Em consequência, o Senhor Padre Horácio pediu-nos para irmos também a Coimbra e nós não tivemos coragem de dizer que não, embora não viéssemos prevenidas para ficar tanto tempo fora de casa. De resto, aqui nada nos tem faltado. Tomámos à nossa conta as instalações do Hospital onde, graças a Deus, não havia doentes e temo-nos sentido como em nossa casa.

Os Gaiatos trazem as meninas nas palminhas. As que têm cá irmãos é que são as rainhas da festa: guloseimas, brinquedos e mais brinquedos, tudo lhes vem parar às mãos. Nem sei com hão-de levar tanta quitanda para Viseu.

As belenitas aproveitando a música dum canção cantada pelos batatas, fizeram quadras em honra dos mesmos:

Polichinelo e Renato
São muito afinadinhos
Soltam alegres trinados
Como pássaros nos ninhos

A laranjeira do rio,
Dá laranjas amarelas.
Lindas como o Laranjinha
Nunca vi nenhuma delas.

Mas eles, por serem pequeninos, não se ficaram sem resposta:

Meninas de Belém
Vieram de Viseu
E foram connosco
Cantar ao Coliseu

Meninas de Belém
Não se deram mal,
Mas foram parar
Ao nosso Hospital

Enfim, um encantamento!

As belenitas andam radiantes com tão carinhosa hospitalidade.

E os Gaiatos, sobretudo os manos da Ermelinda, da Fátima, da Sãozita e do Pintainho, cheios de pena porque se aproxima a hora da partida.

x x x

Abre com chave de ouro a seguinte nota de presenças à Obra.

Trouxe-nos muita alegria a visita de algumas turmas de alunas do nosso Liceu, acompanha-



LAR DO PORTO

A nossa Conferência tem ultimamente sofrido algumas baixas, que nos deixam verdadeiramente preocupados. Aqui atrasado foram 4 dos nossos que partiram para cumprimento do serviço militar, não ficando um único com quem pudéssemos contar. Hoje porém, ficamos sem o nosso mais directo colaborador, que actualmente exercia o posto de Presidente. Trata-se do Fernando Dias, que de igual modo foi chamado para servir a Pátria em Terras de Além-Mar (Índia Portuguesa).

Durante a sua permanência no comando, tudo correu bem, não faltando nunca a verba indispensável para fazer face às necessidades de que esta carecia e, se a Conferência não progrediu o que podia, pelo menos manteve o seu ritmo acelerado o que já não é nada mau, se atentarmos nas dificuldades que hoje se nos depa-

Deixamos pois expresso o nosso sen-

mais, o preço da assinatura. Senhores Beirenses, «O Gaiato» não tem, verdadeiramente, preço. Ele não é periódico comercial, mas uma voz que se levanta, quizenalmente, a pregar Amor e Paz entre os homens de boa vontade. Eis.

Júlio Mendes

tir e aproveitamos para lhe apresentar os protestos da maior estima e desejar as maiores venturas, para que execute com dignidade, a missão de que foi incumbido.

Um dia destes, fui com ele, Senhor Padre Manuel António e Teixeira, dar uma voltinha pelo Barredo. Estava um dia tremendo, de chuva torrencial. O vento, embora não muito bravo, soprava de quando em quando com violência, fazendo com que a água nos atingisse as pernas e escorregasse por elas até ao interior dos sapatos.

Apesar disso, foram muitos os Pobres visitados e, se mais não vimos, foi porque o tempo não deu para tal. Eu já tinha ido lá muitas vezes, mas desta vez, vi o que nunca tinha visto. E pará tal, basta dizer que, embora o tempo estivesse muito fresco e chuvoso, chegamos a certa altura a transpirar, mas a valer. Pois tínhamos visto um dos visitados e lá era impossível respirar. Até por isso tivemos de abreviar a nossa presença.

A cada passo ouvia o Senhor Padre Manuel António dizer: «Oh meu Deus, meu Deus»...

Prezados leitores, peço-vos mais do que nunca que continueis protegendo esta nossa Conferência, que também vos pertence, e sobretudo, que façais o que até ao momento tendes feito. E se assim fôr Deus vos ajudará pois rezam os ditados: «Quem dá aos Pobres empresta a Deus». E este empréstimo como os mais também vence juros.

Alberto de Almeida

das do seu Professor de Religião e Moral e ainda a das alunas internas do Colégio da Imaculada Conceição, acompanhadas das suas Madres. De todos os presentes recebidos, o que mais encantou as belenitas foi a bela canção com que as meninas do Colégio as saudaram, à chegada. Ficaram com pena de não a terem aprendido toda... Elas andam com vontade de pagar estas visitas. Vamos a ver! Também nos visitou um sacerdote dos lados de Aveiro, com um belo rancho de sobrinhos pequeninos. Foi pelo Natal e todos traziam os seus presentes. Alguns avós e pais aqui de Viseu também trouxeram cá os netos e filhos, pelo Natal e Páscoa, a oferecer as suas prendinhas às belenitas.

Total recebido de visitas a Belém: 1.450\$00, roupas de crianças, bolos, amêndoas, frutas, batatas, feijão e outros géneros e uma peça de flanela.

Do Porto, M. Elvira comparece com 50\$. Por «vicentina de Lamego», 20\$. De Aveiro 100\$. Outro tanto de Senhora de Vila Moreira. Nota de 20\$ de um Delegado Escolar. O dobro e uma reclamação pela falta de notícias no «Gaiato». Tantas reclamações destas cá têm vindo parar! No facto se encontra um motivo de alegria e outro de tristeza...

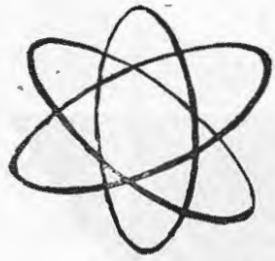
Uma camisola e dois novelos de lã, de Castelo Branco. Vale de 100\$ de Braga. 20\$ por «uma avó de cabelos brancos», do Porto. Da Avenida de Roma 50\$, mais 50\$ em vale. Cândida Maria volta com 50\$. Mizu e Joninho enviam bonecas e beijinhos para as belenitas. Roupas usadas de Monte Estoril. Mais roupas usadas e 100\$ de duas colegas amigas da Faniqueira. Mais roupa usada do Porto. Um pedaço de fazenda e 100\$ de uma Amiga de Lisboa.

Agora atenção, «serrana da Estrela», as suas notas de cem não têm cá chegado! Por Berta de Lisboa, 100\$. Para as amêndoas, 50\$ do Ass. n.º 9969 de Coimbra. Soledade de Lisboa, 50\$. Mais vinte do Casal R. D. de Viseu. Luisa de Lisboa, 40\$ para amêndoas.

De Lourenço Marques uma «Visiense» envia 50\$. Quota mensal de 50\$ e mais 20\$ de M. Cecília e Marido. Vales de 40\$ e 45\$, de Gina Maria. Vales de 640\$ e 300\$ de Paço de Sousa, total dos donativos ali recebidos. Marília de Lisboa, enviou 100\$. Do Rotary Clube de Viseu, 8 cobertores. Por intermédio do Senhor Padre Carlos recebi Esc. 5.000\$ destinados a Belém por um Sacerdote do Douro. E 10 dólares de Newark. 10\$ de Alverca da Beira. Maria Fernanda do Porto 50\$.

Bem-hajam!

Inês



FACETAS DE UMA VIDA

Continuação do número anterior

A experiência ensina-nos que, quando o homem se volta para a divindade, qualquer que seja o conceito que dela forme, é sempre para pedir. O desejo de independência e o reconhecimento de indigência, são irmãos gémeos, que caminham sempre de braço dado pelos nossos anos fora. A par da realidade das aparências: possuir, gozar, — anda a realidade dos factos: pedir, sofrer — Pedir o quê? Tudo. Pedir a quem? Eis a questão. Examinemos as coisas na maneira corrente de viver. O que pedimos nós? O que precisamos. A quem pedimos nós? A um individuo independente, responsável, consciente e com tanto mais veemência quanto maior é o poder dele e o interesse com que nos serve. Assim praticas tu, quando precisas alguma coisa de alguém. Se as coisas se passam assim na vida natural ou física, porque não na sobrenatural ou metafísica? Porque esta não exclue, antes supõe aquela. Está em relação, não em contradição. Por consequência vindo de trás com a ideia suficiente da Divindade colocada nas forças espirituais, vamos agora restringir essa força a uma pessoa independente, responsável, consciente, fora e acima de nós, poderosa, interessada e imaterial. Esta qualidade, que a torna especificamente diferente das pessoas a quem pedimos na vida actual, escapa-te naturalmente aos sentidos, mas não à inteligência. E caída uma vez esta Pessoa na esfera da tua inteligência, de novo te fuge para os âmbitos do infinito porque nós, limitados, não podemos compreender o ilimitado. Assim como tu não encaras o sol, que excede a capacidade da retina, também não encaras Deus que excede a da inteligência, mas a realidade das duas existências, é manifesta. Por isso, bem vês, o platonismo da divindade é uma maneira errónea de a compreender.

A prova mais evidente desta personalidade incisiva de Deus é a maneira real e misteriosa como Ele transforma os homens. São ordinariamente homens de rara inteligência, certos transformados, que tendo antes combatido a verdade, agora, por razões de que a sua

razão não sabe dar conta alistam nas fileiras os seus nomes, soldados de Jesus Cristo. Tenho lido alguns dos mais recentes, agora que este assunto tanto me interessa, e tu não imaginas o vigor prodigioso das suas obras e da sua letra. Conto ouvir um que está convidado pelo Lente Serras e Silva a vir a esta Biosa, dar uma série de conferências, advogado com banca em Paris e actual frade dominicano. Simplesmente extraordinário. Mas de todos, o maior e o mais antigo, é sem dúvida Paulo de Tarso, como se depreende do vigor da sua convicção nas 14 epístolas que chegaram até nós, com tanto valor histórico como as de Virgílio ou Dante. Seria interessante e agradável dar-te agora um bocadinho de história aonde aparecesse ao mesmo tempo a história de S. Paulo mas seria fugir muito ao meu propósito. Basta que saibas que ele era o discípulo afeiçoado de Gamaliel, Judeu contemporâneo de Jesus e como o Mestre, Judeu também. A figura insinuante e magestosa do Nazareno surgira das bandas da Galileia, toda graça, humildade, amor! Dizia tão bem, tanta simplicidade e meiguice! Falava tanto à alma das gentes! Era Judeu, o «filho do carpinteiro». E agora entra na cidade, assento dos Pretores Romanos e dos doutores da Lei de Moisés. Gamaliel era ali, na gíria de hoje, um sábio de reputação mundial... Sempre penetrante e adorável, o Nazareno increpava os intérpretes dos Livros Santos

e confessava-se rei... dum reino que não era deste mundo. O quê? Rei? Sim, os Judeus esperavam um rei; nem era outra coisa o seu Messias. Um rei forte, poderoso, de magestade e glória que os levasse a esmagar os egípcios e os babilónios e todos os outros povos que até ali os tinham esmagado. Agora mesmo, sob as patas de Roma, escárnio da Grécia e de toda a gente, desejavam eles mais do que nunca o seu rei libertador. Este rei, sim. Mas este aventureiro que pregava a igualdade... a ele, os Judeus, raça superior, circuncidados, com direitos sobre todos os povos!... Eles iguais aos outros! Mate-se o intrujão. Matou-se e eis que os forasteiros da festa da Páscoa, ainda na cidade, ouvem todos, da boca dos discípulos a Ressurreição de Jesus. Tinham-no visto e apalpado. E a gentildade seguia em massa a voz dos apóstolos. Suprema temeridade! A sinagoga levanta-se em peso e é então que Paulo de Tarso, esperança de toda a gente, segue para a sinagoga de Damasco, com credenciais, encetar a perseguição porque o mal alastrava. Os forasteiros levavam o veneno da nova doutrina à maneira que largavam da cidade, e recebiam o baptismo aos bandos. Chegado a Damasco, por razões de que não soube dar razão, Paulo torna-se o maior de todos os Cristãos!

Américo de Aguiar

CONTINUA

BARREDO

Continuação da primeira página

Um passo em frente e voltamos a subir.

É o Fernando que fala e nós assistimos. Pergunta e dá os seus conselhos. Senta-se ao lado do doente e consola-o. Manda ir à farmácia buscar os remédios e deixa ficar uma lembrança. Estranhámos não ver a Rosinha à porta da casa. Alguma coisa de grave lhe terá sucedido? Subimos. Sentada na cama, chora com dores.

Entrámos no coração do Barredo. Sempre a mesma desola-

ção. Aquele número 2 da Rua de Baixo, não muda. A mesma nudez de sempre. Os mesmos farrapos. O mesmo vazio. Uma panela de sopa que uma vizinha ali foi levar. É domingo. Em nossa casa é um dia diferente. Ali não.

A peixeira de Ovar já morreu. No número 78, a avó também já partiu para a eternidade.

Deus também anda de vez em quando pelo Barredo.

Padre Manuel António

Férias forçadas em ORDINS

O hábito da mendicidade é difícil de curar. Ouvi, há momentos, falar de alguém que fez voto de receber em sua casa o primeiro Pobre que lá fosse. Nos tempos que correm, de sórdido egoísmo, em que tanto se pensa no prazer e em fugir às responsabilidades, um tal proceder diz bem alto das virtudes desta família que agora conta mais um membro. Acontece, porém, que o Pobre afortunado só declinou o convite, desde que pudesse dar a sua «voltinha» duas vezes por semana, não obstante nada lhe faltaria na casa!

A «voltinha»... e as saudades da «clientela»! Quem não conhece por aqui o «cêguinho da Figueira»? Encontra-se longe e asilado com outros invisíveis, como numa grande família. Pois quando vem à sua terra natal, aproveita a ocasião para percorrer as freguesias vizinhas, de saca ao ombro, guiado pelo dedicado moço. Vem estar um pouco com os seus amigos de há longos anos, que lhe enchem o bernal. São as saudades!

Podia desfiar mais vidas, para dizer da dificuldade da cura da mendicidade. E podia por isso mesmo, deixar em paz a Ti Zulmira dar a sua voltinha diária pelos seus «clientes». Tem 50 anos já passados e nunca viva alma a vin noutra trabalho, que o da pedincha. Parece querer tentar o impossível criar nela, nesta altura da sua vida, novos hábitos. Não obstante, alimentamos algumas esperanças. Usámos todos os meios, desde a reparação dispendiosa da sua casa, à ajuda semanal da Conferência e do Serviço de Carne. Mas era uma dor de alma ver os seus quintais passados a monte, já com giestas, quando, noutros tempos, nas mãos doutros moradores, eram recantos de verdura. Não podia ser. A Vicentina orientou-a na sementeira do centeio. Mas a terra quase não viu estrume, nem recebeu a semente suficiente, para poder dar o pão. Foi tudo perdido. Ti Zulmira enganou-se a si mesma, mas tomou a enxada nas mãos mimosas e pisou-as. Já que não podia dar centeio, resolveu-se aproveitar o terreno para plantar batata. A nossa Conferência daria, apenas, um jornaleiro. Ti Zulmira daria o resto. A Vicentina veria tudo, para não sermos, de novo, enganados. E não fomos. Ho-

je a verdura voltou àqueles sítios. As coives e as batateiras medram a olhos vistos. Fui por lá duas vezes e encontro a mendiga no quintal a acariciar as coives. Ela sachou-as. Ela meteu milho no intervalo das carreiras das batatas. Tudo tão lindo. Até já comeu um caldinho com coives suas, que lhe souberam como nenhuma! Ninguém lhe falou em tronchuda. Mas ela comprou semente e pô-la na terra. O alfofre está tão mimoso como uma alfaca.

Prevenindo, procuramos convencê-la da necessidade de cobrir uma cortelha, para a chuva e o sol não derranca-rem os estrumes, que devia recolher dos caminhos. Opôs mil dificuldades, filhas da falta de vontade. Há dias, porém, visitei-a e confessei-me: «sabe, isto até parecia que não tinha dono». Ela tinha ido ao monte por varas. Ela comprou pregos. Ela tudo.

Mas além dos quintais, deve Ti Zulmira trazer para casa uma fiadeira de lã de cabra, para trabalhar. Ora isto é problema mais difícil, pois se estiver a fiar... não pode ir dar a «voltinha». Para obviar à dificuldade, prometi-lhe boas ajudas e um chale dos grandes, quando tiver fiado um quilograma de lã. O chale bem morre por ele, mas aprender na fiadeira vemo-la poucas vezes.

Para ver o chale e sentir o seu calor, chamei-a à Casa de Jesus Misericordioso. Sentou-se e agasalhou-se nele. Falámos. Vibrava de contentamento e nem sabia como levá-lo embora, para ninguém o ver. Mas era tudo simples, pois só a tínhamos chamado para ver e sentir como era quentinho... Seria dela, sim, mas só quando cumprisse o que há tanto se lhe vem pedindo, cada vez com mais insistência. Até lá, não.

Pede-nos outra vez as senhas da carne. Sim, mas só quando arranjar uma fiadeira... Fala-nos em retalhos para conserto dos lençóis. Sim, mas somente quando a fiadeira estiver em sua casa...

Padre Aires

COLABORE NA
CAMPANHA
DE ASSINATURAS

IMPÉRIO DE LISBOA

16 DE MAIO — ÀS 18 HORAS

Bilhetes à venda na Ourivesaria 13 da Rua da Palma 11; no Montepio Geral, Rua do Ouro; e no Lar do Gaiato, R. d os Navegantes 34 r/c, Telefone 669451

TEATRO LUISA TODY — SETUBAL

15 DE MAIO — ÀS 21,30 HORAS

Bilhetes à venda nas bilheteiras do Teatro Luísa Tody, Papelaria Campos no Largo da Misericórdia e Loja de João Ferreira da Costa na Praça do Bocage.